



## **A Crônica como Espaço Histórico da Subjetividade no Jornalismo Impresso: a Transgressão de Hilda Hilst nas Páginas do Jornal<sup>1</sup>**

Eduardo CARBONE<sup>2</sup>

Lilian Juliana MARTINS<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp, Bauru, SP

### **Resumo**

Os debates sobre afetividade e subjetividade no fluxo de comunicação atual, impactado pela realidade massiva das redes sociais virtuais, trazem à tona a relevância das emoções dos atores envolvidos e o processo de recepção das mensagens veiculadas, fatores vitais para a compreensão da produção de sentido na contemporaneidade. Este artigo objetiva demonstrar como a crônica, um espaço de profundo caráter autoral dentro do jornalismo impresso, desde seu surgimento nos jornais até o presente, configura-se como uma instância midiática em que o intercâmbio das subjetividades, próprio do caráter humanista desse texto, apresenta similitudes com a dinâmica comunicacional das redes sociais virtuais. Nesse panorama, será apresentada a produção jornalística de Hilda Hilst como estudo de caso para verificar essa proposta de análise.

**Palavras-chave:** Crônica; Hilda Hilst; Subjetividade; Mídias sociais.

### **Comunicação e emoções em rede**

Pensar o jornalismo hoje é imergir, inevitavelmente, nas possibilidades de fluxo de produção e disponibilização das informações das redes sociais. Já em uma primeira análise é possível identificar algo que é preciso considerar para qualquer reflexão sobre a forma de fazer jornalismo contemporâneo: as redes sociais organizam-se, fundamentalmente, a partir dos vínculos afetivos e das subjetividades de seus usuários.

É a partir do grau de confiabilidade e afinidade que um usuário tem em relação ao outro que as informações publicadas na mídia social são, ou não, consideradas. Se há confiança no interlocutor, seja ele um usuário comum ou um usuário que represente, por exemplo, uma empresa de comunicação (revista, jornal, *site* de notícias), o público dispensa o tempo necessário para ler a informação publicada, “curtir” se ela parecer

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Mestrando do curso de Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp. *E-mail:* eduardocarbone@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre pelo programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp e professora de disciplinas de Jornalismo na mesma Faculdade. *E-mail:* lilian.juliana@gmail.com.



relevante dentro da sua apreensão de mundo, comentar e acrescentar seu ponto de vista ao fato e - seja para reafirmar sua individualidade frente à rede de pessoas conectadas a ele, seja para mobilizar a rede diante do que está postado - “compartilhar” a informação, dando, assim, seguimento ao fluxo de comunicação do material postado.

É a partir do fluxo que o usuário de uma rede social se relaciona com os outros e com o mundo, que também se conecta a ele. Para mensurar em que grau estamos conectados, os números do Facebook são bastante ilustrativos. Em outubro de 2012 (O POVO ONLINE, 2012), a equipe de Mark Zuckerberg comunicou que a rede social criada em 2004 alcançou a marca de um bilhão de pessoas conectadas. No Brasil, em notícia publicada pela Folha de S. Paulo (SALLOWICZ, 2013), Alexandre Hohageno, vice-presidente do Facebook na América Latina, informou que o número de usuários no Brasil passou de 12 milhões, em 2011, para os atuais 67 milhões. A alta no período foi de 458%.

Sobre a atuação desses usuários na rede, o Facebook comunicou em março de 2012 que 901 milhões de usuários estavam ativos (acessaram o serviço ao menos uma vez por mês) e que 522 milhões de pessoas acessam a página todos os dias. Com sete bilhões de pessoas, o planeta tem atualmente quase um sétimo delas trocando informações, compartilhando ideias e se organizando em diferentes instâncias e para diferentes objetivos.

Essa midiaticização das relações sociais apresenta-se como uma nova instância de orientação da realidade. Orientação essa que há poucos anos estava essencialmente vinculada às mídias tradicionais. A partir do que era veiculado nessas mídias, como o jornal impresso, por exemplo, a percepção do público sobre a realidade se construía. Marcado pela padronização e pelo tecnicismo, o jornalismo impresso apresenta historicamente um espaço - um respiro no meio da impessoalidade e da objetividade apregoadas - onde a subjetividade pode não só ser assumida como aclamada: a crônica.

O objetivo deste artigo é apresentar em que medida o espaço da crônica no jornalismo impresso diário respondia a essa necessidade de vínculos afetivos e subjetivos do público com uma mídia de massa antes do surgimento das novas tecnologias e das suas possibilidades de mediação, vinculadas à afetividade de seus usuários.

O material produzido por Hilda Hilst para o Correio Popular, de Campinas (SP), entre 1992 e 1995, foi escolhido para ilustrar as reflexões sobre como a subjetividade,



explícita hoje nas mídias sociais como asseguradora dos vínculos afetivos, desenvolvia-se no espaço da crônica do jornalismo tradicional.

Para isso, um breve entendimento biográfico sobre Hilda Hilst, o contexto em que sua colaboração foi contratada pelo diário campineiro para a produção das crônicas semanais e a recepção do público serão discutidos neste artigo. As definições sobre a crônica, os diálogos com cronistas contemporâneos a Hilda e pensadores sobre o gênero também se apresentam na análise. Por fim, a reverberação de Hilda nas redes sociais será comentada a partir da sua página oficial no Facebook.

### **Hilda Hilst e a crônica: uma relação de “Cascos e Carícias”**

Hilda Hilst (1930-2004), escritora paulista renomada pela poesia e prosa inventivas, destacou-se no panorama literário brasileiro também pelo compromisso com sua produção artística. A postura assumida de entrega à literatura evidenciou-se ao fixar residência em uma chácara nos arredores de Campinas, na década de 1960, para se dedicar à criação de uma obra densa. A Casa do Sol, como a poeta batizou a nova morada, era frequentada por escritores e artistas de vários círculos e foi o berço de quase a totalidade dos seus livros. A obra hilstiana, reconhecida pela crítica como surpreendentemente inovadora em todos os gêneros literários praticados (poesia, prosa e teatro), carecia, entretanto, de reconhecimento perante o público - fato que a autora sempre deplorava, porém, de maneira altiva: ela deixava claro que quem perdia era o leitor, não ela.

Entre 1990 e 1991, Hilda Hilst publica três livros de prosa marcados pela irreverência e sátira, que ficaram conhecidos como a “trilogia erótica”: *O caderno rosa de Lori Lamby*, *Contos d’escárnio/Textos grotescos* e *Cartas de um sedutor*, os quais emulavam o tom picaresco de obras clássicas que discorriam sobre o sexo com alegria, sem pudores, como o *Decameron*, *Satiricon* e os *Contos de Canterbury*. Além da referida trilogia, em 1992, Hilda Hilst também lança um volume de poemas satíricos chamado *Bufólicas*, que ecoavam os Sonetos luxuriosos de Aretino.

O cenário estava montado para o escândalo e a controvérsia. A autora declarava em entrevistas ter experimentado a temática do erótico e do escatológico para tentar, uma derradeira vez, aproximar-se do público, embora não negasse que tais assuntos tabus sempre estivessem presentes nos seus escritos anteriores. Hilda Hilst estava sob o foco da crítica e, novidade dessa vez, dos leitores.



No mesmo ano de 1992, ela foi convidada pelo jornal *Correio Popular*, de Campinas, para escrever crônicas semanais na editoria de cultura. Sua colaboração durou até 1995 e despertou a paixão e a ira dos leitores campineiros, que corresponderam massivamente aos textos hilstianos numa recepção inédita, porquanto inflamada, para os moldes daquele jornal. Wilson Marini, editor-chefe do *Correio Popular* de 1992 a 1996, explica como se deu a escolha de Hilda para escrever crônicas semanais no diário campineiro:

A Hilda era uma escritora de renome nacional, queríamos valorizar o seu talento e oferecemos a possibilidade de fazer algo para ela também inédito, a crônica de jornal, experiência que, pelo que sei, não havia sido desafiada ou pensada. O seu nome se inseriu no contexto de introduzir o conceito de crônicas e colunistas no jornal, tendência que se fortalece atualmente na imprensa em geral (MARINI, 2012).<sup>4</sup>

As crônicas de Hilda Hilst abordavam temas normalmente não pautados na mídia tradicional, ou abordados de maneira distanciada: suicídio, sexo, escatologia, desejo, hipocrisia etc., e tal produção textual apresentava-se como uma resposta condizente àqueles anos de turbulência política (fim do mandato do presidente Collor ao início da era Fernando Henrique Cardoso). Como recorda Marini, esses textos davam o que falar e correspondiam, em certa medida, aos interesses da direção:

Lembro-me de uma vez em que ela apimentou o texto fazendo referência, ao seu modo, à hipocrisia de senhoras da sociedade que iam à missa no domingo. O dr. Sylvino, que estava à frente na direção, me disse que o telefone na casa dele não parava de tocar no domingo logo pela manhã (a coluna era publicada aos domingos). Eram leitores reclamando. Entendi que ele estava exagerando. No fundo, ele aprovava um jornal polêmico, inteligente e plural, porque isso estava dando resultados e era o caminho que a direção apostava. (MARINI, 2012).

A cronista lançava mão, por vezes, de um discurso metalinguístico sobre o fazer crônica – como se descobrisse as tramas do ofício ao escrever sobre ele e registrar seu processo de criação. Assim, a produção jornalística de Hilda Hilst, enquanto registra e comenta o cotidiano, com sua linguagem e temática “indigestas”, também lança uma luz inédita sobre a gênese de sua obra e suas motivações: “Em decorrência da fetidez que assola o País, só tenho vontade de escrever textos sórdidos, coléricos, cínicos, degradantes ou estufados de um humor cruel” (HILST, 1998).

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada pelos autores com Wilson Marini via *e-mail* em 18 de outubro de 2012.



Sua obscenidade ecoa a realidade abominável e marca uma postura de resistência crítica diante da “pornocracia” brasileira (termo empregado pela autora). O potencial da crônica como espaço de liberdade formal e criativa necessária nos diários impressos evidencia-se na produção cronística de Hilda Hilst. A veiculação do fato, através da notícia, é fundamental – da mesma forma, o comentário e a crítica, através da subjetividade artística, devem ser assumidos como de vital importância no processo de comunicação.

### **As reações dos leitores do Correio Popular**

As crônicas de Hilda Hilst (parte delas reunida em 1998 no volume *Cascos & carícias* e mais tarde na sua totalidade, em 2007, na edição de *Cascos & carícias & outras crônicas*) traziam a voz satírica e zombeteira da “trilogia erótica”, o que chocou e maravilhou seus leitores, que se polarizavam cada vez mais entre amor e ódio inspirados pela autora. As cartas enviadas à redação do diário deixavam claro que os propósitos da cronista, de se comunicar e atingir o público, estavam sendo concretizados, conforme se depreende de alguns trechos de cartas publicadas na seção “Correio do Leitor”, daquele jornal:

Venho comunicar que estou decepcionada com a coluna do Caderno C publicada nesta segunda-feira escrita por Hilda Hilst. (...) Para mim, um jornal é um meio de comunicação e cultura e de bons exemplos, imagine um jovem lendo essas coisas. Por isso que os jovens vivem pichando todas as cidades; depois de um jornal publicar estas asneiras, eles devem sentir o direito de escrever em qualquer lugar, não acha? (...) acho que tem algo mais útil para preencher uma coluna de jornal do que estes palavrões.  
Bárbara Pereira de Abreu (BIONE, 2007, p. 202)

Ora reclamavam, ora aplaudiam as palavras da escritora sobre assuntos delicados e inomináveis, os quais a mesma intuía como de vital necessidade explorar, para a fundação de uma mente crítica e ativa contra a realidade de corrupção, violência, alienação, superficialidade e empobrecimento social e cultural, vivida no Brasil dos anos 1990. É interessante observar a postura editorial do jornal, em defesa de Hilda, na nota que se seguia à carta citada anteriormente: “Nota do Editor – Sobre o assunto, há diferentes pontos de vista. Como escritora, Hilda Hilst tem liberdade de expressão, que o jornal não cerceia” (BIONE, 2007). Essa tal liberdade parece ser o que busca outra parcela de leitores, que se identifica com o posicionamento da cronista:



As crônicas da escritora, ao contrário de indecentes ou imorais como querem rotulá-las, são gostosamente bem-humoradas e sarcásticas, na medida certa, para nos questionar justamente sobre os nossos velhos conceitos moralistas aprendidos e ensinados de geração a geração, sem graça e sem sabor... meu Deus! Até quando? Olga Maria V. Oliveira

(...) Eu, que fui adolescente na década de 70, jamais imaginei, naquela época, que na década de 90, eu escreveria ao Correio Popular para protestar contra o preconceito e a censura! Pedro Lúcio Ribeiro (BIONE, 2007, p. 202)

Suas crônicas foram publicadas no jornal desde o fim dos anos Collor até a ascensão de Fernando Henrique Cardoso ao poder, ou seja, desde o ápice de desencantamento do povo com o processo democrático até o poder conquistado pela “elite esclarecida”. Esses anos alimentaram a escrita de Hilda Hilst com indignação e asco que eram vertidos nas crônicas, cujo conteúdo e forma demonstravam seu posicionamento de confronto diante da realidade conformada. Ela era obscena, violenta, pornográfica, chocante e procurava dizer o que ninguém mais dizia, naqueles dias: a realidade era mais sórdida que suas palavras. Um exemplo é o conteúdo da crônica publicada em 24 de abril de 1994, intitulada “Presidente, abre o olho: tão comendo gente!”:

Há alguns dias, através da imprensa, soube que alguns encontraram, num monturo de lixo de hospital, em Olinda, uma teta. E devoraram-na. (...) atenção, mulheres pitanguisadas (palavra composta do Dr. Pitangui e de guisado), nada de silicone para estufar as tetas: não se atrevam a enganar o consumidor na hora do Terror! (...) E agora me batam, me chamem de bisca por dizer a verdade nesta crônica, esta, sim, escabrosa, ainda que não trate de cacetas. (HILST, 1998, p. 125)

Percebe-se que a desejada aproximação com o leitor, facilitada pelo jornal impresso, como veículo de comunicação em massa que proporciona uma resposta bastante rápida do receptor, ocorreu no caso hilstiano não sem dolorosas arestas. Ao mesmo tempo que recebe apoio de uns, sofre a detração de outros. A escritora confrontava-se, assim, com o desafio decepcionante de, no raiar do século XXI, dialogar com mentalidades que ela combatia e denunciava desde seus primeiros escritos, de quase 40 anos antes. O problema continuava na essência de suas palavras: ácidas, irônicas, despudoradas, claras e incompreensíveis. Em um momento em que Hilda Hilst ansiava por conexão com o outro, sua voz literária parecia ser o próprio ruído na comunicação com parte do público.



Segundo Florence Dravet, “um leitor que quer ler notícias claras e objetivas é um leitor sem desejo, sem paixão, um leitor que não quer envolver suas emoções, suas experiências, sua subjetividade, no ato de leitura” (DRAVET, 2002). Embora tenha recebido o apoio editorial necessário do jornal, que apostava na época em consolidar a presença de escritores campineiros, refletindo e comentando sobre o cotidiano da cidade, a exemplo do que acontecia em suas respectivas localidades com os cronistas paulistanos e cariocas (MARINI, 2012), Hilda Hilst deparou-se com o leitor burocrático, que não se via refletido naqueles textos, tampouco se sentia representado por aquela voz tão dissonante.

A escritora aponta como um ícone desse espaço, da figura provocativa que escancara sua indignação pela passividade dos “leitores semimortos” (DRAVET, 2002). A criação hilstiana ultrapassava o simples registro do cotidiano através do olhar subjetivo, autoral. Como em toda sua obra anterior e posterior, seus escritos traziam mais que um estilo que a caracterizava; traziam alma.

### **Crônica: espaço da subjetividade assumida**

Notadamente, a crônica apresenta-se como um texto em que literatura e jornalismo confluem para revelar leituras e sentidos inéditos sobre fatos do cotidiano, registrados ou não no jornal, por meio da percepção de quem a escreve.

Para melhor compreensão dessa definição da crônica, espaço da subjetividade assumida de Hilda Hilst, é conveniente que se faça um rápido percurso histórico, que tenha como marco inicial o Brasil do final do século XIX.

Em seu livro “A Crônica”, Jorge de Sá conta que no tempo de Paulo Barreto (1881-1921) a crônica era apenas uma seção quase informativa, um rodapé onde eram publicados pequenos ensaios, poemas, qualquer informação que pudesse orientar os leitores sobre os acontecimentos do dia. Foi com João do Rio (o pseudônimo mais conhecido de Paulo Barreto) que o folhetim ganha uma perspectiva literária. Ao percorrer os diferentes espaços cariocas - dos lugares mais refinados à fina flor da malandragem carioca - o famoso autor de “As Religiões do Rio” muda o enfoque, a linguagem e a própria estrutura folhetinesca.

Com essa modificação, João do Rio consagrou-se como o cronista mundano por excelência, dando à crônica uma roupagem mais ‘literária’, que, tempos depois será enriquecida com Rubem Braga: em vez do simples registro formal, o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público





como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real (SÁ, 2002, p.6).

É com Rubem Braga (SÁ, 2002), essencialmente cronista, que a temática do tempo da crônica vem à tona. Para Braga, é o brevíssimo instante, que passa despercebido pela objetividade do jornal e oculta a complexidade de nossos sentimentos sufocados pela máscara da banalidade. Esse instante aparentemente banal é registrado pelo cronista para que se apresente toda potencialidade reveladora da crônica.

Em nome dessa aparência amena é que muitas vezes nos desobrigamos de pensar a vida. Em nome dessa mesma aparência, o escritor do cotidiano reencontra o prazer da leitura e – mesmo que não perceba – aprende a ler na história ‘inventada’ a sua própria história (SÁ, 2002, p.12).

O envolvimento do cronista com o tempo também está presente nas escolhas temáticas de Hilda Hilst. O título da crônica publicada em 13 de setembro de 1993 aponta para o “projeto” da autora enquanto cronista e torna claro seu ideário em relação à função do escritor e do escrever, naquele momento. “Cronista: filho de Cronos com Ishtar” é um dos “verbetes” que Hilda Hilst reinventa ao criar uma nova semântica, como José Simão também irá explorar com uma veia humorística mais palatável e popular, ao brincar com um possível dicionário tucano e “lulês”.

É interessante observar como a autora filia o cronista tanto ao deus grego do tempo, o que é uma leitura mais usual do termo, quanto à deusa babilônica que representava a fertilidade, a guerra, o amor e o sexo. Percebe-se que Hilda Hilst não rejeita seu parentesco híbrido, que une o tempo metafísico ao espaço humano e natural, e potencializa esse amálgama numa atitude belicosa junto ao leitor, em outro texto:

Ouvindo a Rádio Cultura, soube estarecida que 95% do esgoto de Campinas não é tratado, jogam tudo nos rios... gente! Mas é absurdo! *La mer d'ici, la mer de lá*. O ser humano ainda não compreendeu que ele e os rios, ele e os mares, ele e as florestas, ele e os animais, ele e o Cosmos são um só, e se você não entrar em harmonia com isso tudo, você simplesmente se fode. Perdão para as crianças que leem o jornal (!), segundo algumas mãezinhas, mas o termo foder-se é do tempo do foda-se, quero dizer com isso que é antiquíssimo e todo mundo fala e sabe o que quer dizer e não é mais palavrão. Palavrão é não dizer tudo o que estou dizendo aqui. (...) você não pode impunemente ficar jogando merda (devo dizer dejetos?, devo dizer excrementos?, a maior parte das gentes não sabe o que é isso) nos rios, nem ficar cagando (perdão, defecando) nos mares (HILST, 1998, p.68).





A autora, nessa e em outras crônicas, utiliza o recurso de resgatar ou recriar a origem de palavras ou expressões que possam ser chocantes ao leitor, mostrando a ele que os significados são desprovidos de caráter bom ou mau, e que essa leitura surge numa cultura pretensamente pudica, que prefere ocultar sua natureza essencial. Hilda Hilst levava a independência e a liberdade da inspiração artística a limites que então passaram a esbarrar no “bom gosto” da comunidade campineira. Como já foi demonstrado anteriormente, as crônicas de Hilda Hilst causaram alvoroço no público do jornal. No livro *Cascos & Carícias & Outras Crônicas*, o organizador Alcir Pécora conta como os leitores percebiam suas crônicas:

Existia, entre os diferentes tipos de leitores, ao menos uma certeza partilhada: não havia nenhum meio de atar a liberdade e a imaginação de Hilda Hilst ao senso comum. Lembro-me, por exemplo, do escândalo causado por uma crônica sua, especialmente edificante nos seus termos, que anima velhinhas a se empenharem na prática do sexo oral, já que a falta de dentes ajudava muito a execução de um perfeito trabalho de sopro. O tom metódico e didático do texto era de arrancar gargalhadas ao mais sisudo leitor, a ponto de saltarem lágrimas dos olhos e doer a nuca (PÉCORA, 2007, p. 16).

O jornal, ao dispor desse espaço para a veiculação de um texto provocativo como tal, desagradou uma parcela de leitores que reagiram contra os assuntos debatidos pela autora. Hilda rebateu tais críticas em algumas crônicas, por exemplo:

O que eu escrevo nessas crônicas lhes parece incompreensível e nojento? (...) Essa modesta articulista que sou eu, escreveu textos e poemas belíssimos e compreensíveis, e tão poucos leram ou compraram meus livros... Mas agora com essas crônicas... que diferença! Como telefonam indignados para o por isso eufórico editor deste caderno, dizendo que sou nojenta! (HILST, 1998, p. 14)

Ao abordar determinadas temáticas nas suas crônicas, como sexualidade, violência e corrupção, a autora trazia desconforto e repulsa para uma parcela do seu público-alvo. Mais do que abordar este ou aquele tema tabu, a maneira como seu discurso se estruturava na crônica fazia desse tipo de texto matéria explosiva no diário campineiro.

Será inevitável a aproximação, através de paralelos e dissonâncias, com a obra de João Antônio, uma vez que este e Hilda Hilst são vozes contemporâneas que gritam contra, talvez, a mesma opressão.

O texto *Corpo-a-corpo com a vida*, presente no livro *Malhação do Judas Carioca*, é percebido como um texto-manifesto sobre a poética necessária a ser impregnada nos



textos jornalísticos. Para o jornalista-escritor, a complexa realidade social brasileira e suas mazelas só podem ser retratadas se o escritor deixa de se distanciar das “faixas de vida” do país, das temáticas subterrâneas, da vida que a grande mídia raramente coloca em evidência em seus textos.

Sua defesa é por uma literatura de denúncia, que revela o que precisa ser revelado, por um posicionamento de imersão e participação do escritor que se compromete com que está sendo narrado, com a experiência do vivido e com a narração dele.

João Antônio defende a coragem do escritor para travar um *corpo-a-corpo* com a vida que espera ser retratada para deixar vir à tona e dimensionar a realidade que se esconde por trás do comumente realizado por uma imprensa conservadora e, principalmente, por uma literatura estéril e inútil para estimular a reflexão e alguma mudança social.

Como alcançar este estreitamento tamanho com as realidades brasileiras? Para João Antônio a opção é a do enfrentamento.

O caminho é claro e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua principal missão – ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma (ANTÔNIO, 1987, p.318).

Hilda Hilst parece apreender esse sentido de um texto que rale nos fatos. No texto “Hora dos Tamancos”, publicado em 29 de março de 1993, a escritora faz um apanhado dos principais temas que pautam os jornais à época: o assassinato da atriz Daniela Perez, os desvios de dinheiro público de PC Farias e Fernando Collor de Mello e as discussões sobre o plebiscito para a escolha de uma possível nova forma de governo brasileiro. Sobre o plebiscito, Hilda é sarcástica:

A Somália é parlamentarista, a Itália é parlamentarista... e todo aquele horror, e toda aquela corrupção! Engodos. E o que você propõe, sabichona? De início, uma boa trepada de despedida, depois entrar para a Ordem da Grande Cartuxa, lá ninguém abre a boca e escreve, escreve... e depois queimam tudo o que escreveram, ou fazer como os frades do deserto, trançar cestos de palha o dia inteiro e depois desfazer tudo, e orar, orar. Ou simplesmente desafiar o incognoscível e começar com a hora dos tamancos, isto é, pôr a mão na cintura e bater o pezinho: como é, meu? Tá puxando o teu fuminho? Tá cintilando? Tá acariciando a bronha estrelada? O pessoal da Terra tá mal... Eh, planeta desgraçado (HILST, 2007, p. 69).



Sarcástica e niilista, Hilda, em um único trecho, enfrenta seu leitor com sua ausência de pudor (“uma boa trepada de despedida”) e sua postura desafiadora com aquilo que é “incognoscível” (“Tá puxando o teu fuminho? Tá cintilando? Tá acariciando a bronha estrelada”).

A surpreendente forma de apresentar sua subjetividade sobre os assuntos tratados na mídia remete ao que Tom Wolfe, um dos principais ícones do *New Journalism*, menciona sobre a forma com que escrevia seus textos para alfinetar seus leitores.

Gostava da ideia de começar uma história deixando o leitor, via narrador, falar com os personagens, intimidá-los, insultá-los, provocá-los com ironia ou condescendência, ou seja lá o que for. Por que o leitor teria de se limitar a ficar ali quieto e deixar essa gente passar num tropel como se sua cabeça fosse catraca de metrô? (WOLFE, 2004, p. 31).

Esse “insulto” feito por Wolfe e outros jornalistas-escritores estimula a percepção do leitor sobre o texto e o convida a vivenciar, ainda que com sentimentos contraditórios, o que Hilda propõe. Para Rubem Braga, esse tipo de abordagem responde à necessidade do leitor de enxergar a vida no jornal. Em um texto de 1951, um dos personagens de Braga afirma: “Porque os jornais noticiam tudo, tudo, menos uma coisa tão banal de quem ninguém se lembra: a vida...” (BRAGA, R. *apud* SÁ, 2002).

Gustavo de Castro, no artigo “A palavra compartilhada”, publicado no livro “Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra”, defende o arrebatamento dos textos jornalístico-literários:

O saber literário é precisamente uma resistência frente à trivialização do mundo. O saber jornalístico é, por sua vez, a resistência frente à passividade e à desmemorização do homem. Para uma sensibilidade cultivada, o sentido que um acontecimento toma não distingue um saber do outro, ambos convergem, dialogam, subsidiam-se, complementam-se (CASTRO, 2002, p. 82).

O ensaísta e crítico literário Antônio Candido também aborda de que forma a escolha dos assuntos e a forma de abordar os fatos nas crônicas são capazes de tornar uma produção textual singular e grandiosa.

Por meio de assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela (*a crônica*) ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de



repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1981, p. 4).

Portanto, ao dizer sobre o cotidiano, sobre aquilo que parece banal, Hilda Hilst fala daquilo que nos é próximo. Para dar a essa escolha a “profundidade de significado”, a escritora escancara sua subjetividade e nos revela porque, até hoje, nove anos depois de sua morte, seu nome é referenciado como cronista-ícone da transgressão necessária e reveladora.

### **Hilda Hilst no Facebook: um projeto de permanência**

Falecida em fevereiro de 2004, Hilda Hilst contará, em 7 de dezembro daquele ano, com a criação, no Facebook, da *fan page* “Instituto Hilda Hilst (IHH)”<sup>5</sup> e, em 18 do mesmo mês, com a constituição legal do Instituto Hilda Hilst – Casa do Sol Viva (IHH)<sup>6</sup>, como uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP).

A *fan page*, que conta atualmente com cerca de 10.800 seguidores, repercute e amplifica as ações e os rumos do Instituto, como a captação de recursos via *crowdfunding* para a viabilização de um teatro de arena nas dependências da Casa do Sol, e o projeto de residências artísticas na Casa, que promovem o intercâmbio entre artistas de diversas áreas da produção cultural, através de uma imersão no universo afetivo e geográfico da escritora.

As publicações da página mapeiam o percurso de Hilda Hilst pelos diversos gêneros literários (poemas, dramaturgia, contos, romances, crônicas), revelando ao novo público a verve multifacetada da autora, e disponibilizam fotos de seu acervo pessoal, que contam a história de um ambiente no qual circulavam presenças que marcariam a história literária brasileira, como Lygia Fagundes Telles e Caio Fernando Abreu. Assim, os *posts* valem-se do consagrado binômio, nessa rede social, de imagem + texto, que potencializa o alcance viral das publicações, através de visualizações, *likes*, comentários e compartilhamentos.

É inegável a aproximação da memória de Hilda Hilst com as audiências virtuais, facilitada pela presença ativa, participante, nas redes sociais. Um dos fenômenos desvelados pelo Facebook (e, anteriormente, em menor escala, pelo Twitter) é o efeito de os perfis institucionais na rede catapultarem os cliques de suas páginas oficiais na internet. Além disso, a interação e a troca de subjetividades, que ocorrem imediatamente

---

<sup>5</sup> [www.facebook.com/InstitutoHildaHilst](http://www.facebook.com/InstitutoHildaHilst)

<sup>6</sup> [www.hildahilst.com.br](http://www.hildahilst.com.br)



nas *fan pages*, possibilitam o estabelecimento de uma relação dialógica com a obra e a memória hilstiana, o que corresponde ao desejo maior da escritora: comunicar-se com sua audiência e transformá-la pela força de sua voz criadora e libertária. Registra-se o fato de que tal contato do grande público com sua obra (excluindo a parcela cativa de leitores dos seus livros) e, de certa forma, com a autora em si, ocorreu apenas nos anos de atuação de Hilda como cronista do Correio Popular.

Em 2011, a Casa do Sol é tombada pelo patrimônio histórico, o que solidifica a proposta do IHH de buscar a preservação desse espaço “tanto em sua estrutura física como em seu espírito de servir de porto seguro para a produção cultural inovadora e democrática”<sup>7</sup>. Tal missão parece estender-se por todas as iniciativas vinculadas ao nome e à memória de Hilda Hilst, desde montagens teatrais até adaptações cinematográficas, que encontram na dinâmica interacional das redes sociais (a exemplo do que a escritora experimentara durante a publicação das crônicas dos anos 1990) um porto de permanência e constante renovação.

### **Conclusão**

O fluxo comunicacional na atualidade perpassa a instância subjetiva dos seus interlocutores. Essa nova realidade decorre da natureza própria dos meios eletrônicos, que aproximam os atores, agora, detentores das ferramentas que, outrora, cabiam majoritariamente aos sujeitos dos processos de comunicação de massa. Se os limites entre produtores e consumidores de conteúdo tornaram-se difusos, atualmente, há que se considerar tal fenômeno como um ganho à democratização de acesso e manipulação das mídias, de maneira ativa e, quiçá, crítica.

A constatação de que o cenário midiático se transformou nos últimos anos, com a ascensão das redes sociais virtuais, não pode ignorar, contudo, a existência de espaços de subjetividade nos meios de comunicação de massa, já consolidados historicamente, como o caso da crônica nos jornais impressos. Esse texto híbrido de informação, criação e comentário, fundamentalmente tocado pela voz autoral, comunica-se com seu público em níveis de afetividade que poucas formas de expressão midiática conseguem alcançar.

A afetividade em curso na dinâmica das crônicas, logicamente, contempla a recepção e participação do leitor, que se vê convidado a ser coautor na ampliação de sentido da realidade, proposta pela visão artística do escritor.

---

<sup>7</sup> [www.hildahilst.com.br](http://www.hildahilst.com.br)



## REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço** incluindo Malhação do Judas Carioca. São Paulo: Clube do Livro, 1987.

BIONE, Carlos Eduardo. **A escrita crônica de Hilda Hilst**. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 2007.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão” in **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

HILST, Hilda. **Cascos & carícias: crônicas reunidas (1992-1995)**. São Paulo: Nankin Editorial, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cascos & carícias & outras crônicas**. São Paulo: Globo, 2007.

O POVO ONLINE (2012). **Facebook supera marca de 1 bilhão de usuários**. Página consultada em 10 de Maio de 2013, <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/tendencias/2012/10/05/noticiasjornaltendencias.2931458/facebook-supera-marca-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml>>

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2002.

SALLOWICZ, Mariana (2013). **Número de usuários do Facebook no Brasil aumenta 458% em dois anos**. Página consultada em 12 de Maio de 2013, <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/1248993-numero-de-usuarios-do-facebook-no-brasil-aumenta-458-em-dois-anos.shtml>>.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.